

ESTHER AHARONI¹

(Barcelona, Espanha, 1929)



Esther Aharoni. S. Paulo, 1º.7.2008.
Fotógrafa: Laís Rigatto Cardilo.
Acervo: E. Aharoni/SP; Arqshoah-Leer/USP.

1 Entrevista concedida a Rachel Mizrahi e Lilian Ferreira de Souza em S. Paulo, em 1º de julho de 2008. Gravação em áudio. Transcrição: Lilian Ferreira de Souza. Transcrição: Maria Luiza Tucci Carneiro. Iconografia: Nanci Souza e Samara Konno.

Minha infância na Espanha

Meu nome é Esther Aharoni. Nasci no dia 29 de março de 1929, em Barcelona,² na Espanha. Meus pais se chamam Aron Cohen e Mazaltov Baruch. Tenho dois irmãos, Joel e Eugênia. Minha família é originária da cidade de Istambul, na Turquia, onde meus bisavós paternos tinham um alambique e estavam financeiramente bem.



Barcelona, terra natal de Esther Aharoni.
Google Maps.

Minha infância foi marcada por bombardeios e mortes da Guerra Civil Espanhola de 1936, que durou até 1939. Como um concurso de matança, eu sabia que bomba matava mais e qual era a arma mais poderosa. Meus pais eram intimados a tirar impressões digitais com frequência. iam todo os meses à polícia, informando nosso endereço. Acredito que faziam isso para saber onde estavam os judeus. Era difícil ser judeu na Espanha, não era permitido que estudassem em escolas públicas. Soube disso depois.

² Com uma população de 1.604.555 habitantes em 2015, Barcelona é a segunda cidade mais populosa da Espanha, depois de Madri. Está localizada à beira do Mar Mediterrâneo, a uns 120 quilômetros ao sul da cadeia montanhosa dos Pirineus. Iconografia: Nanci Souza e Samara Konno.

Esther Aharoni



Casal Cohen, avós paternos de Esther Aharoni, junho de 1928.
Fotógrafo não identificado.
Acervo: E. Aharoni/SP; Arqshoah-Leer/USP.



Eugênia Baruch e Marco Baruch, avós maternos
de Esther Aharoni, *c.* 1930.
Fotógrafo não identificado.
Acervo: E. Aharoni/SP; Arqshoah-Leer/USP.



Esther Aharoni. Barcelona, 19.3.1931.
Fotógrafo: Arrera.
Acervo: E. Aharoni/SP; Arqshoah-Leer/USP



Certificación en extracto de Acta de Nacimiento

(Decreto de 19 de Septiembre y Orden de 13 de Octubre de 1932)

D. FRANCISCO DE P. SALVA LOPEZ

Juez del Juzgado Popular

Local N.º 1 de Barcelona y encargado del Registro civil del mismo

(Antes del SUR)

Libro 64
Folio 187
Núm. 380

Inscrito 30 Marzo 1929

CERTIFICO: Que según consta del acta reseñada al margen y correspondiente a la Sección I de este Registro civil,

Esther Habib Baroul
nació el día *veintiocho* de *Marzo* de mil nove-
cientos *veintinueve* y es hija de *D. Don Ha-*
bit Cohen y de *Masatte Baroul*,
naturales de *Constantinople*;
sueta por línea paterna de *Joel* y
de *Esther*; y por la materna de *Mena-*
do y de *Burguin*, todos naturales de
Constantinople (*Turquía*).



Barcelona, a *diez* de *Enero*
de 193*3*.



[Handwritten signature]

Certidão de nascimento de Esther Aharoni.
Barcelona, 30.3.1929.
Acervo: E. Aharoni/SP; Arqshoah-Leer/USP.

Fugindo da Guerra Civil Espanhola

Devido à Guerra Civil na Espanha (1936-1939), meu pai enfrentou muitas dificuldades no comércio. Por isso, decidiu partir para a França, porque era perto da Espanha e não apresentava perigo de bombardeios. Alugou um avião particular da Air France, e, em 1936, saímos de Barcelona e desembarcamos em Toulouse, no sul da França, às margens do Rio Garona. Começava aqui uma grande travessia.^A

Eu estava muito doente, com tuberculose, e não conseguia respirar ou comer direito. Fui levada a um hospital. Assim que me recuperei, partimos de trem para Paris. Meu pai procurou um bairro judaico onde pudessem falar iídiche* nas ruas. Havia muito judeus em Paris. Nossa sorte foi que meu pai trouxe suas economias em um fundo falso de baú, e minha mãe escondeu suas joias embrulhadas em novelos de lã.

A vida continuou, e logo fui matriculada na escola pública. Tinha aproximadamente 10 anos e me receberam como uma



Esther Aharoni, entre os pais Mazaltov Baruch e Aron Cohen.
Barcelona, 1935.

Fotógrafo não identificado.

Acervo: E. Aharoni/SP; Arqshoah-Leer/USP.

A- Por meio desses testemunhos, podemos recuperar os caminhos tortuosos percorridos pelos refugiados, exilados ou sobreviventes do Holocausto. Suas rotas formam grandes trilhas cujos traçados extrapolam os lugares marcados pelos carimbos nos passaportes, os registros fotográficos e as estampilhas postadas nas correspondências. No seu conjunto, essas fontes nos ajudam a reconstituir as incríveis rotas de fuga (até mesmo interrompidas) e, muitas vezes, os longos tempos de espera, paradas provisórias para aqueles que aguardavam um visto de entrada para qualquer país que os aceitasse como refugiados ou sobreviventes. Pouco se conhece sobre a postura de países que, assim como Portugal e Espanha, se transformaram em *pontes para a sobrevivência*, a exemplo de Xangai e Tãnger, por onde passaram muitos artistas e intelectuais que, anos depois, vieram para o Brasil. Arquivo espanhol que podem ser consultados: Archivodel Ministerio de Asuntos Exteriores, Archivo de la Cruz Roja de España, Biblioteca Nacional de España, Centro Documental de la Memoria Histórica e Filmoteca España.

rainha. Deram-me malhas e cachecol. Tínhamos médicos toda semana. Um dia passaram a distribuir máscaras de gás, mas quem era judeu ou com o sobrenome Cohen não recebia. No mesmo dia perguntei ao meu pai por que isso acontecia. Ele me respondeu que um dia eu iria saber. Meu pai tinha medo de que alguém pudesse me machucar, me bater, me matar e, agindo dessa forma, me protegeria.

Um dia minha mãe recebeu uma visita em casa e me pediu para comprar café turco. No caminho, comecei a prestar atenção nas pessoas falando sobre a guerra e fiquei preocupada. Comprei café com todo o dinheiro que tinha, coloquei na sacola e voltei para casa. Contei aos meus pais o que tinha ouvido.



Caderno escolar de Esther Aharoni, s. d.
Acervo: E. Aharoni/SP; Arqshoah-Leer/USP.

Voltando para a Espanha franquista

Diante do antissemitismo latente, papai resolveu sair de Paris, pois certas coisas eram avisos de que algo poderia acontecer. Mamãe preparou as malas, escondeu as joias, fez uma cesta de sanduíches e saímos de Paris, em 1939, rumo à nossa casa em Barcelona.

Fomos de trem e depois de carro até chegar lá. Quando entramos, percebemos que a casa tinha sido saqueada. Levaram tudo: tapetes, móveis e objetos. Tivemos que reconstruí-la. Meu pai voltou a trabalhar: foi para a zona atacadista comprar ações e depois para Palma de Mallorca vendê-las, e sempre voltava para casa alegre. Mamãe ajudava costurando as roupas. Assim fomos retomando a vida em nossa cidade. Fui matriculada em uma escola de freiras. Uma delas me perseguia por ter sobrenome Cohen. Meu pai se irritou com isso e me transferiu para a Escola Francesa de Barcelona.

A vida na Espanha de Franco era diferente.^A Para convidarmos outras famílias para o *Yom Kipur**, tínhamos que pedir licença na prefeitura e mandar o nome de todos os convidados. Se não fizéssemos isso, eles poderiam considerar um complô contra o governo. Mesmo assim, recebemos em casa um senhor, cujo avô era rabino, que sabia bem as tradições e as rezas.

Da Espanha para Israel e Brasil

As famílias judias começaram a sair da Espanha para construir a vida em Israel. Nossa vida estava difícil, e meu pai segurou. Era um desastre não ter comida quando eu voltava da escola. Minha mãe, que era uma mulher fortíssima, desabou, perdeu a razão e adoeceu. No final do ano de 1943, saímos de Barcelona. Em Cadiz, embarcamos no navio português *Enotria*, em janeiro de 1944, chegamos a Haifa onde fomos recebidos pela polícia inglesa. Eles precisavam saber o nome de todos os passageiros do navio. Os rabinos

A- A Espanha se converteu, assim como Portugal, em um país de passagem para milhares de judeus que, fugindo das perseguições antissemitas empreendidas pela Alemanha nazista e por países colaboracionistas, buscaram refúgio no Brasil. Francisco Franco, apesar de ter recebido ajuda da Alemanha durante e após a Guerra Civil Espanhola (1936-1939), tolerou que a Espanha se convertesse em uma ponte de saída para Portugal, sobretudo a partir de 1940. Não permitiu o assentamento, mas sim o trânsito até o país luso de cerca de 20 mil a 35 mil judeus, número difícil de ser contabilizado, pois muitos transitavam portando falsas identidades. Ações de salvamento aos refugiados em fuga foram identificadas por parte dos seguintes diplomatas: Ángel Sanz-Briz, Eduardo Propper de Callejón, Bernardo Rolland de Miota, José Rojas Moreno, Miguel Ángel de Muguero, Sebastián Romero Radigales, Julio Palencia Tubau, Juan Schwartz Díaz-Flores, José Ruiz Santaella, Eduardo Martínez Alonso e Alfonso Fiscovich. Citamos também Giorgio Perlasca e os irmãos Samuel e Joel Sequerra, estes nascidos no Faro, no Algarve. Pesquisa desenvolvida pelo grupo coordenado pela Profa. Dra. Elda Gonzalez, do Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC) de Madri para o projeto *Travessias* desenvolvido pelo Leer-USP.

verificavam se todos eram judeus. Desembarcamos e fomos para um lugar que parecia um campo de concentração, onde permanecemos em quarentena. Havia barracões e o banheiro era coletivo. Acho que lá havia cerca de 50 pessoas. Depois, fomos para Tel Aviv e nos instalamos numa casa de refugiados onde estavam umas 30 pessoas num barracão. Nesse lugar, foi difícil para minha mãe: meu pai ficou sem dinheiro e minha mãe escondia as joias. Mais tarde, fomos para o bairro judaico, ainda em Tel Aviv.

O Brasil como opção

Em junho de 1947, casei-me com Shlomo Aharoni, um engenheiro civil. A mãe dele era dona de um pequeno prédio. Meu filho Meier nasceu em 1948, e ficamos 15 anos em Israel. Meu marido tinha uma prima aqui no Brasil. Ela retornou a Israel com os quatro filhos, nascidos no Brasil. Ela nos dizia que era um país bonito. Em janeiro de 1959, meu marido recebeu um convite para trabalhar em uma construtora no Brasil. Quando chegamos, aluguei uma casa na Rua Silva Pinto e passei a trabalhar com confecções para crianças. Montei uma loja na Rua Oriente.

Passados alguns anos, fui visitar meus pais em Israel. Minha mãe estava hospitalizada em uma casa de recuperação de doentes mentais. Quando retornei ao Brasil, meu marido tinha comprado uma fábrica, a Camisaria Belmonte, já falida, e, com isso, ele ficou doente. Fui trabalhar como gerente da loja Gessyl Modas, na Rua Oriente, onde fiquei 11 anos. Com o dinheiro, pagava as dívidas de meu marido. Ele faleceu quando eu tinha aproximadamente 30 anos. Meu segundo casamento foi com Abrão Cukier, e ficamos 12 anos casados, até ele falecer.

Durante a guerra, não perdi nenhum membro da minha família, mas sempre tinha medo, e a sensação era de estar sempre preparada para uma nova fuga. Não sei o que é pior, passei a vida inteira fugindo, olhando para trás. Para mim isso foi muito triste.

Vozes do Holocausto

P
200/203

1016982 REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso Esther Aharoni
Admitido em território nacional em caráter PERMANENTE
(temporário ou permanente)

Nos termos do art. 9º letra --- do dec. n. 7967 de 1945

Lugar e data de nascimento Barcelona, Espanha, 29-8-1929
Nacionalidade israelense Estado civil casada
Filiação (nome do Pai e da Mãe) Aharon e Mazal Habib
Profissão doméstica
Residência no país de origem Holon, Kikar Strumar, 4

| | NOME | IDADE | SEXO |
|---------------------------|-------------|----------------|-----------|
| FILHOS MENORES DE 18 ANOS | <u>Meir</u> | <u>1-4-48</u> | <u>M.</u> |
| | <u>Aron</u> | <u>18-1-51</u> | <u>M.</u> |

Passaporte n. 43592, expedido pelas autoridades de Min. Int. do Estado de Israel, na data 28-10-1953, visado sob n. 872

Embaixada do Brasil em Tel-Aviv, 16 de outubro de 19 58

ASSINATURA DO PORTADOR: Esther Aharoni
o encarregado do serviço consular: [Assinatura]

NOTA — Esta ficha deve ser preenchida a máquina pela autoridade consular, sendo as duas vias em original.



Ficha consular de qualificação de Esther Aharoni.
Embaixada do Brasil, Tel Aviv, 16.10.1958.
Acervo: Arquivo Nacional/RJ.